N.º 15—5 de Maio de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

Sempre sortes grandes

—

CAMBIO E LOTERIAS

(Casa fundada em 1883)

MANOEL ALVES DA SILVA NEVES

Successor de D. E. GOUVEIA & SILVA

TELEPHONE 3630

84, Rua d'Assumpção, 86

(Proximo á Rua do Ouro)

LISBOA

TABACARIA COSTA

Vizeu

Gravatas, punhos,
collarinhos e miudezas

Postaes illustrados e com vistas de Vizeu.

Recordação d'Aveiro

Album de postaes illustrados

PREÇO 200 REIS

SOUTO RATOLLA

AVEIRO

CASA DO GLOBO

Raul Guimarães & Com.ta

121—Antiga Rua do Souto—123

— Braga —

Livraria, Papelaria,
Encadernação e Typographia

—

TELEPHONE N.º 12

Reis Torgal

ADVOGADOS

Rua da Prata, 178-1.

Telephone, 1802

Arte e Moda

SALOMÃO CARDOSO

25, CHIADO, 27

Primeiras exposições de chapeus modelos de verão das principaes modistas de Paris.

TELEPHONE N.º 1629

SEGUROS CONTRA INCENDIO E CONTRA ROUBO cobertos por «uma só apolice» e pelo reduzido premio de $20 por cada 100$00 nas cidades de Lisboa e Porto.

UNICA COMPANHIA AUCTORISADA a reunir os dois riscos em uma apolice, devendo portanto ser A MUNDIAL preferida pelos locatarios que pelo premio de 1|5 0|0 ficam garantidos não só contra o risco de incendio como tambem contra o risco de roubo.

"A MUNDIAL,,

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Respons. Limitada

CAPITAL ESC. 500.000$

Séde em Lisboa—95, Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação no Porto—22, Praça Almeida Garrett, 24—Telephone n.º 1459

Endereço telegraphico MUNDIAL

Agentes em todas as localidades do paiz, ilhas e colonias

N.º 15 5 de Maio de 1915 ANNO 1.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão

Conselheiro Ayres de Ornellas

Homem Christo
(Cartas de Longe)

Conselheiro Luiz de Magalhães
(Politica Interna)

Lord Henry
(Philosophia Politica)

Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
(Questões Diplomaticas)

João do Amaral
(O Meu Diario)

Conde de Sabugosa

Conselheiro D. Luiz de Castro

Lourenço Cayolla
(Questões coloniaes)

Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
(Questões Juridicas)

Rocha Martins

Conselheiro Anselmo Vieira
(Questões Financeiras)

G. Jean Aubry
(Questões Extrangeiras)

Alberto Pinheiro Torres
(Questões Religiosas)

Victor Falcão
(Notas Politicas)

Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR.—Cada exemplar d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

REVISTA POLITICA

Parece que está concluido o annunciado pacto entre os tres partidos do regimen. Como nós dissémos em 17 de março, no primeiro numero d'*A Ideia Nacional*, «não tardará que os tres, Affonso, Antonio José d'Almeida e Camacho, estejam unidos contra o governo do snr. Pimenta de Castro e empreguem todos os esforços para o derrubar, compromettendo embora a vida da nação, recorrendo aos mais vis expedientes para salvarem os seus interesses miseraveis». A previsão era facil; ahi estão os factos a confirmá-la eloquentemente.

Estes miseraveis que durante tres annos não fizeram outra coisa senão accusar-nos de combater a republica revolucionariamente em vez de a combatermos dentro da lei, ao mesmo tempo que nos recusavam o exercicio dos mais elementares direitos civis e politicos, estes safardanas que apresentavam, nos raros jornaes extrangeiros que lhes acolhiam a prosa, como prova da nossa fraqueza, a nossa abstenção na lucta eleitoral, esta ridicula tropa fandanga de desmiolados e de sectarios levanta-se agora contra nós como um só homem porque constituimos os nossos centros, as nossas juntas districtaes e as nossas commissões parochiaes, porque esboçamos, emfim, uma organisação que já ameaça constituir uma força esmagadora, que mais uma vez veio demonstrar que o paiz é monarchico, que o paiz detesta a demagogia republicana, que o paiz fará a Restauração, exprimindo claramente a sua vontade pelos meios legaes, se assim lh'o permittirem, impondo-a pela força das armas, se esse direito lhe for negado.

De toda a maneira a Republica está irremediavelmente perdida, em que pese aos seus furiosos defensores: ou nós

vamos para a lucta legal e vencemos, ou nós vamos para a revolução, como unico meio de derrubar uma quadrilha que nos impede, pela violencia, de exercer os nossos direitos mais legitimos—*e tambem havemos de vencer.*

O nosso desejo sincerissimo, os nossos votos mais ardentes, são para que o governo respeite a constituição, como tem feito até aqui e permitta a livre manifestação da vontade do povo. Não temos cessado de prestar homenagem ás nobres intenções do snr. general Pimenta de Castro e esperamos ainda que elle despreze, como deve, as torpes manobras dos partidos para só attender ao interesse nacional. Se assim fôr, se nos forem dadas as garantias indispensaveis, não nos afastaremos um passo da mais absoluta e estricta legalidade. Mas tambem não hesitaremos um só momento em lançar mão de todos os meios para salvar esta Patria agonisante das mãos da demagogia scelerada, se ella voltar a impôr-nos a sua humilhante tyrannia.

E no sabbado falaremos longamente, porque nos falta hoje o espaço para uma conversa mais demorada.

* * *

No proximo domingo, 9 do corrente, realisa-se em Coimbra o 1.º jantar mensal dos collaboradores d'*A Ideia Nacional*, que será presidido pelo nosso illustre amigo snr. Conselheiro Ayres de Ornellas e em que tomarão parte, alem d'aquelles, todos os influentes politicos prestigiosos do districto de Coimbra e todos os nossos amigos d'aquella cidade.

Será uma bella festa de confraternisação intellectual que *A Ideia Nacional* muito se orgulha de ter organisado.

POR

AYRES DE ORNELLAS

A Servia heroica

Quando a apresentação do ultimatum austriaco, esse documento sem precedentes que impunha a uma nação 48 horas para desistir da sua independencia, vinha revelar ao mundo a que ponto subira a enfatuação allemã, nas negociações tão curtas que a vontade do Kaiser consentiu ainda, chegou-se até, a ver se se evitava a guerra, a dar de barato que a Austria tirasse da Servia uma desforra para o seu orgulho, admittindo-lhe o pretexto de que a nação fôra connivente no attentado de Sarajevo. Mero logrc, pois o rancor da Monarchia dualista vinha de longe contra o povo que se subtrahira á sua tutela, resistira á annexação da Bosnia, e conquistando na campanha dos Balkans o Sandjak de Novi-Bazar, descendo depois pelo Vardar abaixo até Salonica, vinha cortar o vôo da Aguia Imperial sobre o mar Egeu. Por isso recusara a Austria dar-lhe na costa da Albania a sua sahida natural para o mar, por isso lançara os Bulgaros contra os alliados da vespera, e jamais por certo a politica do Ballplatz consentiria que em volta da maior Servia pudessem reunir-se um dia os Dalmatas, Croatas ou Slovens mantidos ainda por ella em estado de quasi servidão.

As revelações do homem d'Estado romaico, Take Jonesco, as sensacionaes declarações de Giolitti na Camara Italiana, vieram posteriormente demonstrar que o attentado de Sarajevo fora para o Conde de Berchtold mero pretexto: estava de antemão assente o esmagamento da Servia, e o archiduque herdeiro cahia morto precisamente no momento em que o recente reino mal se repunha ainda das duas campanhas

anteriores e se encontrava em pleno periodo d'uma completa reconstituição das suas forças militares: o thesouro vasio, os arsenaes despejados, entalado em duas das suas fronteiras pelo territorio de um inimigo cuja população era 14 vezes a sua, sem communicações com o mar, com a capital a um lance de pedra da fronteira, a Servia parecia deveras facil presa para as garras do Habsburgo, e a sua conquista antolhava-se militarmente como uma *expedição punitiva*.

Logo a 28 de julho, no proprio dia da declaração de guerra, os austriacos iniciavam o bombardeamento de Belgrado, mas com o seu vagar tradicional só a 12 d'agosto atravessavam o Save com trez corpos d'exercito e o Drina com um; o marechal Putuik, commandante em chefe das forças servias, concentrara as suas forças em posição estrategica central, prompto a lançal-as ao ataque logo que se desenhasse a direcção d'este. O avanço servio é tão impetuoso que a 16 chegam ao contacto com o inimigo que ainda não desembocara das margens do Drina; empenha-se a batalha do Iadar; o centro austriaco é roto a 18, a 20 a victoria é completa e inicia-se a perseguição que os magyares do 4.º corpo detêem ainda quatro dias em Chabatz; a 24 transpõem de novo o Save, deixando nas mãos dos vencedores cinco mil prisioneiros, 50 boccas de fogo e uma quantidade consideravel de munições e abastecimentos de toda a ordem.

N'uma brochura celebre no seu tempo, *L'art de combatre l'armée française*, o Principe Frederico Carlos precavendo os seus soldados contra a ideia de poderem repetir os faceis triumphos da campanha de 1866 escrevia que os austriacos tinham a *rotina da derrota*. Na campanha actual o Estado Maior austriaco tem conseguido um verdadeiro *record* na arte de transformar e de formar a verdade, enriquecendo o vocabulario militar com uma serie de expressões que ficarão por certo lendarias: — a doce hilaridade que despertam as noticias das victorias inimigas — as concentrações á retaguarda — as retiradas que são manobras estrategicas. E assim o boletim official d'esta campanha de tres semanas apresenta os factos como significando «uma medida de repressão de secundaria importancia» limitando-se o Exercito austriaco a «uma incursão de curto alcance» deixando, ao recolher a quarteis, o adversario «completamente enfraquecido».

Tão enfraquecido estava elle que iniciava a 5 de Setembro uma offensiva pelas duas alas. Na direita, nada poude conseguir porque a sua falta de cavallaria e o mal apetrechado da artilharia não lhe permittiu manobrar efficazmente na planicie hungara: Semlim, occupada a

10, teve que ser quasi logo abandonada. Mas os servios teem em alto grau a aptidão natural para a guerra de montanhas e durante o resto do mez, com os montenegrinos, guerrilharam com bom exito pelas serranias da Bosnia. Os austriacos porem não podiam evidentemente ficar sob a impressão da derrota. A's ordens do general Potiorek, concentram cinco corpos d'exercito, com os quaes elle tem por objectivo tornear a esquerda de Putuik, marchar rapidamente sobre Valievo, e cortar a retirada do resto do exercito. Os servios porem nem deixam desembocar os dois corpos que tentam a passagem do Save, e no Drina, são necessarios dois mezes de luctas incessantes para que exgotadas as munições sejam forçados á retirada. E' o periodo critico da campanha: o paiz parecia chegado á exhaustão das suas forças; era, em dois annos a terceira campanha; o consumo de munições fôra tal que só intermitentemente podia a artilharia responder ao fogo da sua adversa; mas a tempera da raça não cedeu, e a retirada é cortada com repetidos retornos offensivos; a 20 de novembro, Putuik resolve fazer de novo frente ao invasor cobrindo a sua frente com o curso do Kolubara, do Lig, o massiço do Souvobor e o valle do Morava: ahi os tres exercitos servios vão esperar os seis corpos d'exercito austriacos. A batalha dura mais d'uma semana: a 29 os austriacos apoderam-se do Souvobor; Putuik recusa então a direita e evacua Belgrado. Parece chegado o fim da resistencia.

A 2 de Dezembro, no 66.º anniversario da acclamação de Francisco José, o velho Imperador recebe a noticia da entrada das suas tropas na capital inimiga; Potiorek permitte ao exercito leva-lo a Nisch em oito dias. A guerra parece acabada, e Vienna tão escassa de boas novas festeja ruidosamente a queda da detestada nação. Mas uma nação só morre quando se deixa morrer e o brio nacional vae operar prodigios. Chegam finalmente comboios successivos de munições; e como Joffre antes do Marne, Putuik declara que acabou o andar para traz: o velho rei Pedro, bem tolhido da gotta, reanima nas trincheiras o ardor dos soldados: Rei, principes, generaes, á porfia pregam ás tropas que a batalha que se vae empenhar será decisiva para a raça servia, que todo o prodigioso esforço da nação ficará sepultado para sempre na derrota, ou resurgirá redivivo n'um porvir magnifico com a victoria que o seu esforço vae uma vez ainda arrancar.

A tres de dezembro ao alvorecer, a infantaria servia marchava ao ataque; durante quasi quatro dias elle repetia-se incessante e porfiado, em impulsos formidaveis. Finalmente cedem as tropas austriacas, está tomado o Souvobor; tres corpos são arrastados na derrota, quebrada de

vez a força de resistencia, e pelo estreito valle do Morava a perseguição servia não lhes dá repouso. Entretanto a direita empenha-se a fundo no ataque, segura do seu flanco. Animados pelas proezas dos seus camaradas os soldados de Youritchich e Stepanwitch não conhecem obstaculos. A 13 de dezembro todo o restante exercito austriaco está em fuga. Está ganha, com dez dias de formidavel peleja, a batalha de Ruduik. A 15 o rei Pedro entra de novo em Belgrado: não ha já um só austriaco no territorio servio!

Ha prisioneiros, respondia Putuik quando lhe faziam essa observação: 46:000 homens, 200 boccas de fogo, 2:000 cavallos, cerca de 400 viaturas, são os tropheus da victoria, por certo uma das batalhas decisivas da Historia. N'ella adquiriu a Servia jus ao seu grande futuro, e assim acabou para a Austria Hungria a «*expedição punitiva*».

A Austria não tentou mais directamente a sorte das armas, mas não tem sido poucas as difficuldades creadas: as repetidas incursões d'Albanezes em territorio servio, o recente ataque dos Comitadjis bulgaros, commandados, ao que parece, por officiaes allemães e austriacos, por demais o revelam. E n'este ultimo ponto tem os Imperios do Centro actuado naturalmente sobre os ressentimentos bulgaros e as consequentes reivindicações da Macedonia. Tem sido até agora sem solução o problema da attitude bulgara no conflicto e isso tem prejudicado gravemente a acção balkanica. Pretende a Bulgaria da Grecia, Cavalla e o seu territorio, requer da Servia a Macedonia até á margem esquerda do Vardar. E' impossivel por outro lado arrancar qualquer concessão territorial á Servia emquanto esta não estiver garantida da posse do seu indispensavel desemboque no Adriatico. Aqui encontrava por outro lado as aspirações do irredentismo italiano. A julgar pelas ultimas noticias parece que os alliados reconhecem á Italia o Trentino, Trieste e a Dalmacia. A Servia iria assim ter a sua sahida pela Albania destinada a desapparecer: a sua aspiração é reunir n'uma só nação, Servios, Montenegrinos, croatas e slovenos. Assim se constituiria o Estado Jugo-Slavo que definitivamente cortaria ao germanismo o *Drang* para o mar Egeu.

Eugen.^{do} Ornellas

Philosophia Politica

POR

LORD HENRY

A funcção das Aristocracias

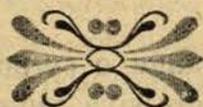
Vimos nós, no nosso penultimo estudo, como são ou devem ser constituidas as Aristocracias normaes, e a que preceitos devem obedecer nas suas relações mutuas, bem como nos seus processos de reproducção, para bem desempenharem a missão que lhes cumpre. Constituidas, e caracterisadas decisivamente,—qual é o seu papel, quaes são as suas funcções sociaes? Será esse o thema do presente artigo. Segundo a natureza do ramo aristocratico, isto é, segundo elle é baseado no sangue, no talento ou na riqueza, assim as suas funcções são, tambem, differenciadas. E' sabido que tres são as manifestações da sociedade: moraes, mentaes e activas. A sociedade, como o homem social, vive pelos sentimentos, pela intelligencia e pela acção. As *élites* do sangue influem nos sentimentos da sociedade; as *élites* de talento influem na mentalidade da sociedade; as *élites* da riqueza influem na acção da sociedade. Cada uma d'ellas tem o seu processo: o das primeiras é a educação; o das segundas é o estudo, o das terceiras é o trabalho. Não é nobre quem quer ser: só é nobre quem sabe sel-o. E' isto que explica a degenerescencia da nobreza. Os nobres degenerados são as manchas negras da Aristocracia: são creaturas que o Acaso collocou nas altas espheras, mas que degeneraram, isto é, appareceram inhabeis para a sua funcção, deslocados. Não falemos, pois, d'elles, certo como é que as excepções não fazem, afinal de contas, mais do que confirmar as regras. A acção da Aristocracia de sangue exerce-se, como dissemos, pela educação. E assim a ella compete a cultura das relações sociaes, do convi-

vio humano, o progresso da Arte, expressão superior da Belleza, o desenvolvimento do culto religioso, espiritualisação da Moral, a manutenção da casta militar especificada, manifestação fundamental da Ordem. Tudo isto, convivio social, Arte, Religião, Militarismo, pertence na sua mais alta significação, desembaraçados que sejamos de detalhes episodicos e apparencias secundarias, á região do Sentimento. Dentro d'esta, pois, á Aristocracia do sangue cabe a suprema direcção, o supremo exemplo. A acção da Aristocracia do talento manifesta-se pelo Estudo. Pertence-lhe assim, a suprema orientação em materia pedagogica, em materia scientifica, em materia jornalistica ou tribunicia, — dependendo da sua intervenção, o sentido em que se effectua a exteriorisação cultural da Opinião Publica, abrangendo as suas convicções politicas. A acção da Aristocracia da Riqueza manifesta-se pelo Trabalho. E' sua missão intervir superiormente, orientando e esclarecendo, nas camadas proletarias, aperfeiçoando-as technicamente, de modo a torna-las cada vez mais competentes e, portanto mais aptas para resistirem na lucta pela vida. Como se vê, a cada uma das espheras aristocraticas corresponde mandar, dirigir, orientar. A's massas plebeias — pertence obedecer, cumprir, executar. A funcção das primeiras é, exclusivamente, directiva; a funcção das segundas é, exclusivamente, executiva. Isto, sem desprimor para estas, e sem motivos de vaidade para aquellas. Umas e outras não fazem mais do que cumprir funcções sociaes que lhes são attribuidas por um determinismo superior á sua vontade — ou seja, para uns, o poder divino, ou seja, para outros, o poder da Natureza, isto é, o arranjo occasional das coisas. Qual a nossa missão, a missão dos que como eu, pensam alto, quer dizer, pensam para que outros oiçam e aproveitem com o que ouvem? Naturalmente, solidificar estes principios, que são os principios basilares da Ordem normal, fonte legitima de todo o normal e estavel Progresso. Tender a subverter estes principios, procurar ou deixar que se confunda a missão directiva da Nobreza com a missão executiva da Plebe, é, evidentemente, um erro funesto. E o espectaculo que nos dá a Europa contemporanea — consequencia mais do que clara d'essa confusão — tira quaesquer duvidas aos espiritos presos ainda a superstições egualitarias, a preconceitos mestiços. Porque, queiram-no ou não os senhores partidarios da reforma da Egualdade, os senhores sacerdotes da Egreja democratica, a verdade é que a divisão do trabalho cada vez mais accentuada, exige esta diversificação de funcções. De resto, cada um dos elementos constitutivos das castas aristocraticas, soffre a influencia, fora da esphera do seu predominio, da acção dos outros. Assim, um

nobre de sangue cuja missão actua sobre os sentimentos, submette-se á direcção que é imprimida pelo nobre de talento, e sujeita-se ás determinações emanadas do nobre de riqueza. Exemplifiquemos. Um elemento pertencente á aristocracia de sangue, e a quem compete desenvolver o Sentimento humano acata, em materia pedagogica, em materia politica, em materia de manifestação do Pensamento, a orientação do corpo scientifico, como se sujeita ás modificações que traga ao seu viver, o corpo activo. Differenciadas são, todavia, interdependentes, as tres funcções aristocraticas. Por outro lado, em cada uma das manifestações sociaes, ha gradações de competencias, pelo que a sociedade humana, normalmente vivendo, nos dá o espectaculo de hierarchias perfeitas. Imaginemos, em cada uma d'essas manifestações, espheras concentricas, taes como vão aqui expostas:

A primeira esphera abrange o corpo aristocratico por excellencia; cada uma das outras, de progressiva reduzida acção representa, graphicamente, a hierarchisação a que nos referimos. A primeira influe sobre todas, e não se determina, no seu campo de acção por nenhuma. Cada uma das outras influe nas que lhe ficam inferiores, e é determinada pelas que lhe estão superiores. Comprehende-se isto, não é verdade? Na orbita da primeira, giram os super-homens de Nietzsche, os heroes de Carlyle. A acção d'elles exerce-se exclusivamente no sentido da peripheria para o centro. A tendencia dos que giram nas orbitas interiores, manifesta-se do centro para a peripheria. Isto é, os primeiros educam e determinam. Os outros buscam approximar-se dos primeiros. Deslocar-se das regiões periphericas para o centro é retrogradar, degenerar. Conseguir deslocar-se do centro para a peripheria é progredir. Está comprehendido, não é verdade? Observando-se que o numero dos elementos aristocraticos é inferior, facilmente se vê que uma vez desapparecida a hierarchia, a maioria, que é plebeia, abafa, dissolve, inutilisa a minoria aristocratica.

Não se pode dizer que se chegasse ao mais infimo grau, porque tambem este é minoria; mas ficava-se n'uma situação intermedia, a situação da banalidade, da vulgaridade, da imprecisão. Para que se progrida, é preciso que haja estímulo. O estímulo só existe, onde houver differenciação. D'ahi, a necessidade evidente das Aristocracias, cuja constituição claramente deixamos exposta, e cujas funcções detalhadamente deixamos definidas.

Lord Henry

Cartas de Longe

POR

HOMEM CHRISTO

Instrucção publica

Já em 1891, quando foi da onda de lama do 31 de janeiro, que trouxe á superficie o malandro do João Chagas, infamissimo *souteneur,* e Marquez de Venus como lhe chamava o patife do Santos Cardoso, Marquez de Venus de tristissima memoria; o malandro do Ligorio, toda essa escoria suja, negra, repellente, que afogou a republica acabando d'encher essa terra de vergonha, eu escrevia, combatendo a corja, que se a nossa crise moral era grande a nossa crise intellectual era muitissimo maior.

Previ *todas essas* desgraças e todas ellas eu combati, sósinho, tratando-se de republicanos ou monarchicos. Sósinho! Eu bem sabia o que ia surgir do 31 de janeiro. Eu conheci a sucia de tartufos e tratantes, d'estupidarrões, de bestas, que á sombra do *ultimatum* se formava. Hyenas, que encobriam com falso patriotismo, como hoje, os appetites mais ferozes, os instinctos mais selvagens! Mas só eu fiquei a combate-los. Tudo o mais se encolheu, se calou, se accommodou n'um egoismo estupido e perverso. Perverso porque não havia para essa corja senão o interesse do bando, que era o proprio interesse. Estupido, porque não viam que com essa transigencia nem, afinal, o proprio interesse salvavam. O fim seria o abysmo, seria subverter-se tudo, ficando os miseraveis sob as ruinas da sua obra desastrosa.

O partido republicano, centenares, milhares de vezes o escrevi, era opportuno e benemerito. se viesse fazer a obra de educação nacional que a monarchia desprezara. D'outra forma era uma mentira, uma especula-

ção, uma traição. Uma quadrilha, com maiores responsabilidades que as congeneres, mais criminosa e hedionda que as quadrilhas monarchicas contra as quaes, abusando sem pejo da boa fé nacional, se arvorava em partido.

Centos de vezes, milhares de vezes escrevi que o partido republicano não chegava pelos seus processos mais cedo ao poder. Mas ainda que eu estivesse em erro, concluia, que não estava, a republica feita por esses processos não se mantinha, vindo a succumbir tristemente sem honra nem proveito.

Escrevi que os redemptores se haviam de dilacerar uns aos outros, que conduziriam o paiz e a republica á mais terrivel anarchia, e que se viessem, porventura, a adoptar outro rumo, teriam de pedir de chapeu na mão aos monarchicos *gente para governar,* auxilio que salvasse a barcaça, rota por todos os lados, desmastreada, sem leme, d'um naufragio inevitavel e, finalmente, *decisivo.*

Tudo se encontra, centos de vezes, milhares de vezes, affirmado e repetido no *Povo de Aveiro.* No *Povo de Aveiro,* que não teve *a vida das rosas,* mas uma longa vida de combates, mais de trinta annos fazendo guerra implacavel aos bandidos fosse qual fosse a bandeira de piratas sob que elles se abrigassem.

A crise moral é grande. Mas a crise intellectual é muitissimo maior. Não é aquella que nos mata. E' esta. Malandros, tratantes, é proprio da *arte,* não faltam entre politicos, cá fóra. E' cada um!... Mas essas bestas é que são *nossas,* muito *nossas,* exclusivamente *nossas.* Privilegio nacional que ninguem nos disputa. Escusamos de tirar patente de invenção. Nunca encontrei povo com qualidades pessoaes mais apreciaveis que o povo portuguez. Mas essa boçalidade, essa ignorancia, essa falta d'educação é que, entre povos civilisados, é unica na Europa e no mundo.

Não se illudam, e hei de dize-lo sempre: sem essa estupidez e sem essa ignorancia, que para mim praticamente ignorancia e estupidez valem o mesmo, sem essa boçalidade, sem esse atrazo intellectual assombroso, *nunca* o Ligorio, que não passa, entre gente branca, d'um salteador habilidoso, authentico gatuno nacional intrujando com *trucs* grosseiros os saloios, *nunca* o chulo derreado do Palma Cavallão, *nunca* o garoto castrado a quem chamavam outr'ora *o Luizinho Derouet,* menina velha de calças que pretende á força d'almiscar e zarcão, eternos processos do vicio fedorento, attrahir a freguezia que lhe fugiu com a pelle de pêcego rapidamente destruida pelos excessos e pelo tempo, *nunca* o pulha-mór Alexandre Braga, *nunca* o onagro do Thomaz da Fonseca, director, ó cloaca

maxima! da «Escola Normal»; *nunca*, resumindo, nenhum d'esses innumeros symbolos do crime, da estupidez e do vicio, chegaria a dominar. Dominaram *todos*, porque isso, do mais alto ao mais baixo, com honrosas excepções que nem por serem honrosas diminuem o valor da regra geral, é um grande paiz de brutamontes.

Dizem os patetas, presos sempre a uns logares communs, que apanham a dente, de ordinario, baboseiras, ou ocos de significado ou de ideias: *instruir não é educar.* E' sim senhores. Já nas minhas cartas as *Novidades*, no tempo de Emygdio Navarro, eu combatia esse grande dispauterio. Em primeiro logar, ninguem defende a obra da instrucção separada da obra da educação. Uma envolve fatalmente a outra. Mas é, sim senhores, instruir é educar. Pois ensinar latim não é educar? Pois ensinar latim não é ensinar a historia do povo que exerceu maior influencia sobre a humanidade? Pois ensinar latim não é facultar o conhecimento das obras primas, quer litterarias, quer artisticas, de Roma, e d'esse conhecimento não deriva uma educação moral admiravel? Pois ensinar latim não é levar a beber na sua fonte as doutrinas da Egreja, a historia da influencia do christianismo, da sua acção, do seu desenvolvimento desde a hora tragica do Golgotha? Pois ensinar latim não é pôr sob os olhos a vida dos grandes homens da antiguidade greco-romana, e do estudo da vida d'esses homens não resulta um aproveitamento moral formidavel?

Pois ensinar historia não é educar, educar, educar continuamente, sobre a grande evolução humana, desde que o homem surgiu do cháos até ao momento actual?

Pois ensinar a lingua portugueza não é ensinar sobre a parte mais viva do sentimento nacional, sobre a trova, sobre a epopeia, sobre o romance, sobre a novella, sobre o conto, sobre o drama, a prosa e o verso, emfim, nas suas manifestações mais variadas e complexas, mais intimas e perfeitas da alma d'esse povo, e ensina-lo não é fazer a obra mais completa d'educação publica que se pode desejar?

Alguem dirá: mas a reforma d'instrucção secundaria que você censura é d'hontem, e as gerações novas estudaram pela reforma anterior, a chamada reforma de João Franco, que era modelar. Modelar! Leiam os motivos invocados para o remendo actual, *os votos dos entendidos em materia d'instrucção secundaria*, como se lê no famoso relatorio anteriormente citado, os votos de *todos os conselhos dos lyceus, da quasi totalidade dos presidentes dos jurys dos exames de sahida*, dos reitores dos *principais lyceus*, das *duas commissões nomeadas para estudar o regimen vigente* (o antigo), do *Conselho Superior d'Instrução Publica*

(continue o sarcasmo da lettra grande), do tal *orgão mais sensivel da opinião* (a imprensa), e ver-se-ha que esses motivos se reduziam fundamentalmente a um só; **os rapazes sahiam dos lyceus sem saber nada!** E n'isto diziam a verdade.

O regimen antigo era bom. Mas vigorou desacompanhado de medidas que o tornassem efficaz. Faltou-lhe uma organisação geral dos lyceus adequada (nós veremos no seguimento d'estes artigos que não ha paridade nenhuma entre a organisação dos lyceus portuguezes e a organisação dos lyceus extrangeiros), e faltou-lhe o *fecho*, como já dissémos, o exame de repetição, o exame de madureza, o exame de *selecção*, sem o qual instrucção secundaria e instrucção superior são uma hypocrisia flagrante, sem resultado pratico apreciavel. Esse systema unico de construir edificios sem alicerce, em tudo, na ordem politica e na ordem social, é privativo d'essa patria desgraçada. No emtanto, aleijado, torto de nascença, o regimen anterior não chegou ao menos, honra lhe seja, á desvergonha de limitar o ensino do portuguez para engenheiros, medicos, officiaes do exercito, bachareis formados em philosophia e bachareis formados em mathematica. Ter limitado o estudo da historia e do latim foi estupido. Mas ter limitado o estudo do portuguez foi impudor.

Já vimos que os alumnos das escolas primarias superiores apprendem aqui mais historia do que os alumnos lyceaes que se propõem seguir ahi os chamados cursos scientificos. Pois succede com o estudo da lingua patria o que succede com o estudo da historia.

E' uma engrenagem complicada, esta do ensino publico em França. Rarissimas pessoas, rarissimas! ahi a conhecerão devidamente. E' que isto dá trabalho e *maçada*. E' preciso estar aqui, perder muitos mezes vendo, indagando, perguntando; é preciso queimar as pestanas e crear callo na paciencia; e despender dinheiro, pelo menos na compra de relatorios, regulamentos, programmas e livros.

Caso interessantissimo: todos os dias se accusa a França em Portugal de ser nosso modelo. Sobre ella recahem as responsabilidades de todas as nossas tolices. E eu vou demonstrando, e acabarei de demonstrar, que não temos copiado, afinal, da França, *a serio*, coisa nenhuma. Nem no ensino, nem no exercito, nem na agricultura, aqui tão progressiva, nem na industria, nem nos usos e costumes, nem na moral, nem na distincção de maneiras e fina malleabilidade que caracterisam este povo, nem nos codigos, nem na parte san da sua legislação genericamente considerada, nem, a rigor, em *coisa nenhuma*. Em Portugal, não tenho o menor receio de fazer esta affirmação por mais audaciosa que pareça, **desconhe-**

ce-se, dando a este verbo o seu significado rigoroso, a **França inteiramente**. Tanto portuguez que vem aqui! E tanto portuguez que vae mais cego do que veio, espalhando n'essa terra, com auctoridade apparente de **quem viu**, e assim concorrendo para esse desvairamento geral, as affirmações mais erradas, os disparates mais soezes, as mais *tremendas heresias*.

Mas voltemos ao ensino.

O ensino primario, em França, é dado em escolas maternaes, em escolas primarias elementares, em escolas primarias superiores e em escolas manuaes d'apprendizagem. Isto falando só das escolas do Estado. Deixo de parte as escolas communaes, que são muito importantes.

Ha ainda nos lyceus um *curso preparatorio*, que é o nosso curso *d'admissão*, ou a nossa escola primaria propriamente dicta, mas mais desenvolvida. Aqui os lyceus são collegios, grandes collegios, por vezes magnificos collegios, com alumnos internos, semi-internos, externos vigiados e externos simples ou livres, não raro installados em edificios soberbos. *Todo o ensino é pago*. Mas d'isso trataremos na altura respectiva. Os lyceus recebem, pois, creanças sem nenhuma instrucção, analphabetas, que são dirigidas por mulheres. E' a classe infantil. Segue-se a classe de *primeiras lettras*, curso em dois annos. Depois o curso *d'admissão* (classes de huitième e sepitème). Finalmente, o curso dos lyceus como já descrevemos.

Fóra dos lyceus, a escola primaria elementar compreende: o curso elementar dos 7 aos 9 annos; o curso medio, dos 9 aos 11 annos; o curso superior, dos 11 aos 13 annos. Tenho presente algumas das grammaticas adoptadas no curso médio. *Mnito bem feitas*, e mais desenvolvidas que as que se adoptam ahi nos primeiros annos dos lyceus.

O curso das escolas primarias superiores é de tres annos. Ninguem pode ser admittido n'essas escolas sem ter exame d'approvacão no curso médio das escolas primarias elementares e attestado d'um anno de frequencia, pelo menos, no curso superior. Alem do ensino geral, ha nas escolas primarias superiores ensinos *accessorios* para quem se quizer destinar á agricultura, ao commercio e á industria. Em todas as escolas primarias, elementares ou superiores, o ensino, ao contrario do que acontece nos lyceus, é gratuito.

Visitei em França quatro escolas primarias superiores, uma em Vichy, outra em Lyon, e duas, uma de rapazes e outra de raparigas, em Paris: a escola Arago, de rapazes, na Place de la Nation n.º 4 e a escola Sophie-Germain, de raparigas, na Rue Jouy n.º 9. Pois bem. Nas

escolas primarias superiores, escolas do povo, não esqueça, estuda-se mais de lingua franceza que os alumnos que se destinam aos cursos scientificos estudam de lingua portugueza em Portugal. E não só ahi Até no curso superior da escola primaria elementar! E' assombroso, mas é uma rigorosa verdade. Os filhos do povo, os que não se destinam a curso nenhum, os que só frequentam a escola primaria elementar emquanto não podem trabalhar, até aos 13 annos, ficam sabendo mais da sua lingua e de litteratura em geral que os nossos medicos, os nossos engenheiros, os nossos officiaes do exercito, os nossos doutores (para que lhe havemos de chamar bachareis se elles podem ir até doutores?) em philosophia e mathematica. Isto é assombroso, isto é inacreditavel porque é a vergonha das vergonhas para essa pobre patria, mas é d'uma rigorosissima verdade. Os sapateiros, com *s* ou *ç*, como quizerem, os carpinteiros, os trolhas, estudam grammatica historica, noções geraes é certo, mas em todo o caso grammatica historica, como ahi a não estudam os homens que vão seguir cursos scientificos nas universidades. Estudam versificação, estudam estylistica, estudam historia da litteratura franceza, noções summarias mas muito claras e muito completas de historia da litteratura grega e latina e até um *boccadinho* de historia da litteratura portugueza. Querem ver? Eis um dos melhores livros adoptados no curso superior das escolas primarias elementares.

A paginas 345, sob a epigraphe *Note sur les littératures étrangères,* lê-se (e vae mesmo em francez para que não nos accusem de deturpar o texto ou o sentido):

Nous ne croyons pas pouvoir nous dispenser de mentionner brièvement les chefs-d'ouvre des littératures modernes étrangères qui ont le privilège de captiver notre admiration au même titre que les meilleurs ouvrages littéraires de la Gréce et de Rome. Nous dirons donc quelques mots des compositions épiques et dramatiques dont s'enorgueilissent le Portugal, l'Italie, l'Anglaterre et l'Allemagne.

N'esta altura lê-se uma nota muito significativa. (*Voir, pour plus de détails,* Dietz: **Les Littératures étrangères,** *2 vol. Librairie Armand Colin).* Assim, não podendo dizer muito sobre o assumpto, o auctor *não se esquece* de lembrar aos alumnos a conveniencia de *lêr mais* sobre o caso, e de lhes indicar a fonte onde elles podem beber conhecimentos mais largos sobre a materia. E não faltam alumnos a seguir a indicação, indo procurar ás bibliothecas a obra mencionada.

Mas continuemos.

Portugal

Les premiers accents de la muse épique moderne se firent entendre en Portugal. Ils sont dus à la plume de:

Luiz de Camoens, *né à Lisbonne en 1517 et mort en 1579. Il est l'auteur des* Lusiades. *Après avoir guerroyé au Maroc où il perdit un œil, le poète portugais s'embarqua pour les Indes. C'est durant ce voyage, long enchainement d'infortunes, qu'il composa son poème. Jeté par une tempête sur la côte du Cambodge, il pu se sauver à la nage, tenant son précieux manuscrit à la main.*

Le sujet des Lusiades *est la découverte de l'Inde par Vasco de Gama. Au début du poéme la flotte portugaise longe la côte orientale de l'Afrique; elle arrive à Mélinde. Vasco de Gama, bien reçu par le roi du pays, raconte à celui-ci l'histoire du Portugal et lui dit comment, en dépit du géant* Adamastor, *il a doublé le cap des Tempêtes (cap de Bonne-Espérance) ; puis Gama remet à la voile pour l'Inde, où il aborde, non sans avoir été exposé de nouveau à périr dans les flots. Aprés avoir fait alliance avec le* Zamorin *de Calicut, Gama et ses compagnons se rembarquent pour l'Europe.* Au *retour ils relâchent dans une ile que Vénus a fait sortir du sein des eaux pour les recevoir. De là les Portugais regagnent Lisbonne sans encombre.*

Les Lusiades *se composent de dix chants. Le poéme, d'un style limpide, plein de hautes pensées, d'une poésie tantôt énergique, tantôt riante, toujours pleine d'harmonie, est dépassé par le merveilleux choquant que l'auteur y a introduit. On y blâme le mélange incohérent du polythéisme avec le christianisme.*

O auctor depois refere-se a Dante, Ariosto e Tasso na Italia, Shakespeare, Milton e Byron na Inglaterra, Klopstock, Goethe e Schiller na Allemanha. E assim se vê que a litteratura portugueza é das poucas que teem honras de referencia nas escolas primarias de França.

Com esse estupido rancor e feroz ignorancia que domina contra a França tanta gente em Portugal, estou d'aqui a ouvir objectar: «Mas eu conheci em França sapateiros analphabetos!» Duvido. Sapateiros, duvido. Os sapateiros francezes são mais cultos que muitos extrangeiros janotas que lhes compram sapatos. E' certo, porem, que ainda ha em França 7 a 8 o/o d'analphabetos. E' certo que nem todos os homens e nem todas as mulheres do povo seguem em França até ao fim a escola pri-

maria elementar. Mas segue-a a grande maioria, e isso basta. Mas o Estado fornece ao povo, nos proprios burgos, quanto mais nas cidades, os meios d'aquirir uma instrucção completa. Mas eu ando mettido aqui pelo meio dos soldados e do povo, ouvindo, perscrutando, conversando, estudando, tenho essa paciencia e essa curiosidade, e enche-se-me a alma de tristesa vendo que é mais poderosa a sua finura e agudeza d'espirito, e maior a sua cultura, que a de muitos e muitos dos innumeros paspalhões que se dizem dirigentes, e o são de facto, n'essa terra malaventurada.

Se os simples alumnos das escolas primarias elementares estudam mais a lingua e a litteratura nacional que os nossos doutores em philosophia e mathematica, os nossos doutores que hão de ser, ou podem ser, professores dos lyceus e das academias superiores, inutil se torna fazer a comparação com os que seguem aqui o curso lyceal até ao segundo exame do ***baccalauréat.*** Evidentemente, é despropósito comparar o curso de lingua franceza e litteratura nas escolas primarias elementares e escolas primarias superiores com o curso da lingua franceza e litteratura nos lyceus nacionaes. E não esquecer — insistiremos sempre — que o curso lyceal, em França, de litteratura e lingua patria, não é somenos, para engenheiros, medicos, officiaes do exercito, doutores n'isto ou n'aquillo, ao dos que se propõem seguir a faculdade de lettras ou de direito nas universidades. Todavia protesta-se e clama-se vivamente e quasi unanimemente, por um lado que está baixo o nivel dos estudos do francez, que se sabe pouco, que não se estuda o sufficiente, e, por outro lado, (é o caso dos engenheiros), que ensinar francez sem ter por base o ensino do latim é uma verdadeira atrocidade.

N'um dos numeros do *Povo de Aveiro* de 1910 (ficou dicto de principio que não tenho aqui a collecção), está publicado, no supplemento litterario, creio, um appêllo da grande associação ***des forges et chantiers,*** ao ministro respectivo, em favor da necessidade, de restabelecer o latim no curso preparatorio d'engenharia, ***pois que os nossos engenheiros,*** affirmavam, ***não sabem fazer um relatorio em francez.*** Contando eu isto a um nacional muito culto, em Bayonne, ha dois mezes, este me respondeu: «E assim é. Olhe, em Boucau (uma povoação fabril muito importante que fica perto de Bayonne), ha um engenheiro distinctissimo que não sabe escrever francês».

Que não sabe escrever francês com forma litteraria, note-se, pois ninguem commette aqui as barbaridades grammaticaes, as vergonhas, que ***quasi toda a gente*** commette a esmo n'essa terra infeliz.

Alem das grammaticas mencionadas n'este artigo, uma para o curso medio e outra para o curso superior das escolas primarias elementares, tenho presente uma outra das adoptadas nos lyceus. São seus auctores Crouzet, Berthet, e Galliot. Ora dizem no prefacio os auctores:

Cette longue préface a besoin d'excuses. C'est que la qnestion de l'enseignement du français est très importante à l'heure actuelle, et le français est, pourrait-on dire, le centre de toutes les études. De toutes parts, professeurs, inspecteurs, écrivains signalent l'affaiblissement ou l'insuffisance des ètudes françaises. Des Associations se fondent, des conférences se donnent pour en rechercher les causes et y trouver des remèdes; et dans tous les cas, que la faute en vienne des programmes, du milieu social, des examens, etc, on convient que la méthode d'enseignement pert beaucoup pour les relever.

Em França, estudando-se o que temos visto, acha-se pouco e quer-se augmentar. Em Portugal diminuiu-se! Em França, considera-se o francês *o centro de todos os estudos.* Em Portugal, põe-se á margem o estudo da lingua portuguêsa! Em França, professores, inspectores, escriptores assignalam o enfraquecimento ou a insufficiencia dos estudos do francês, e fundam-se Associações, e fazem-se conferencias para acudir a esse perigo. Em Portugal, conselhos dos lyceus, presidentes dos jurys d'exames de sahida, reitores, commissões, imprensa e até o Conselho Superior d'Instrucção Publica! (quem lhe atasse uma corda ao pescoço...) levam o ministro, forçado a *dar satisfacção aos interesses nacionaes e aos ditames da justiça* (que bom vergalho n'aquella parte rechonchuda que todos nós sabemos!), a reduzir á expressão mais infima, para a maior parte dos cursos superiores, o preparatorio de lingua portuguêsa!

E ha-de isso salvar-se!

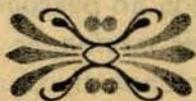
Mane, thecel, phares!

Salvar-se, onde os redemptores fazem consistir *as grandes reformas* em arrasar egrejas e libertar e nobilitar prostitutas! Salvar-se, onde os redemptores consideram que a primeira obra patriotica é crear e defender formigas! Salvar-se, onde até os monarchicos, coitados, teem a besta do Ligorio na conta... d'uma intelligencia peregrina!

A nossa salvação, *a nossa unica salvação*, estaria, depois do bom senso, base de todo o genio politico, em attingir o nivel intellectual da Europa a todo o preço. Em vez d'isto, cada vez mais nos distanciamos, pondo de parte o essencial á vida dos povos, para vivermos de phantasias; para

projectarmos esquadras aerias, esquadras maritimas, grandes exercitos, que mettam medo á Hespanha, e ponham de cocoras, perante a gloriosa figura do Ligorio, o milhomens, as gloriosas figuras de Gamas, Albuquerques, Magriços e Roupinhos!

Paiz d'opera comica. Ou, como já com muita verdade e propriedade o escrevi no meu livro *Banditismo Politico*, que o canalha mór do Bombardino me roubou, *entrudada permanente!*

Homem Christo

Chronica da semana

POR

JOÃO DO AMARAL

O MEU DIARIO

28 de Abril

A companhia dramatica de S. Carlos está agora em Coimbra. P'ra quem gosta de theatro e arrasta todo o anno a sua vida n'este magnifico scenario da paysagem coimbrã, sem outro horisonte de arte que não seja o da visão panoramica e o das leituras (lá quando Deus quer!), — esta visita fugitiva de comicos representa um successo importante e sempre desejado. P'ra quem goste de theatro e saiba confinar, é claro, as suas exigencias nos limitados recursos de que dispõe a scena porgueza...

Hontem, 27, fui vêr o *Gavião,* uma peça de Croisset barbaramente traduzida por um qualquer auctor dramatico de Lisboa. Trata-se d'um fidalgo slavo que vive a vida faustosa do grande mundo francez, casado, com fama de riqueza, porventura minas d'ouro sepultas nos amagos da steppe oriental, e trazendo subjugados, pela gentilhomeria dos gestos e pela atonia do seu olhar percuciente, os parceiros do poker e a mulher, doce *metade* nas perdas da existencia e nos ganhos do jogo, sempre certos.

Ella é uma psychologia indecisa, romantica e inferior como todas as mulheres mas bastante corrigida, experiente, sabendo conduzir-se pelo braço seguro do esposo. Cultiva a amizade d'um moço diplomata que em Roma conhecera, e ambos fazem, pelo paiz da Virtude, uma d'estas romagens sentimentaes em que se começa por lêr a vida de S. Francisco

de Salles e se acaba — por não lêr coisa nenhuma, como succedeu aos pombinhos da *Divina Comedia.* E assim, é beijando-lhe as mãos ou rogando-lhe os labios que o diplomata lhe faz prelecções de moral; sem duvida, o caminho do ceu tem fama de escabroso, mas parecer-nos-ia bizarra aquella maneira de adoça-lo, se a gente não soubesse que tudo no amor se passa ao invez das coisas razoaveis, a ponto de haver exemplo de mulheres casadas que vão pedir a Deus facilidades, protecção e ajuda, para as sombrias aventuras do adulterio. Não é pois de admirar que o diplomata queira fazer da mulher amada, mesmo sem consentimento do marido d'ella, uma creatura honesta, *sage* como dizem os francezes; pretende leva-la ao horror da sua vida tumultuosa e frivola, tenta despertar n'aquella alma endoidada pelo veneno de todas as sensações e de todos os requintes, o gosto das coisas serias, dos prazeres tranquillos, da vida calma; e entretanto, dando-lhe beijos, empresta-lhe livros de perfume casto e talvez um *Flos Sanctorum* com folhinhas rendadas de cypreste, pelo meio..

Como supponho ter-lhes dito, toda esta gente jogava desabaladamente; o fidalgo e a consorte, dir-se-hia que por systhema, esvasiavam a bolsa do diplomata e d'um d'esses americanos que o *Tout-Paris* conhece, de os vêr sacudir sobre o taboleiro verde e o collo das mulheres o oiro que excavaram mezes antes no solo virgem da sua terra.

Ora entendeu o secretario de embaixada, e muito bem, que tal vicio só podia empeçar o trabalho de moralisação que se impuzera; d'onde o supplicar á esposa do fidalgo que abandonasse o trafico das cartas e ganhasse com o pergaminho d'esse primeiro sacrificio o seu logar na côrte heraldica dos anjos. Dá-se, n'esta altura, um pequeno conflicto de lagrimas, de beijos e de supplicas; ella deseja ceder, mas não se atreve; elle fala-lhe primeiro em nome da Moral, mas breve é quasi o amante que se impõe, um amante que lhe não possuiu a carne palpitante mas que se arroga já o senhorio da sua alma. Ao cabo, apartam-se ambos promettendo nunca mais, nunca mais, pegar em cartas.

Estavam as coisas n'estes termos, já o moço diplomata divagava pelo parque do hotel, já ella enxugava as ultimas lagrimas, quando o marido, o conde slavo, reapparece e lhe lembra que são horas de *pocker*... A mulher tem um vago sobresalto, mortifica as feições, passa a mão pela fronte e acaba por dizer-se adoentada, sem animo, sem vontade de jogar. Mas o homem não se commove, insiste. E como ella murmurasse uma recusa que, por ter uma razão inconfessavel, foi apenas balbuciada, o fidalgo aventureiro mostra-lhe a imperiosa necessidade de

submetter-se. O americano, explicou, partia no dia seguinte. Elles precisam de aproveitar aquella noite para jogar, isto é, para ganhar.

Assim, começa agora a desenhar-se a trama occulta d'aquellas duas vidas. Não jogavam por prazer, mas por amor do ganho. Não eram ricos. Ella tinha essa vaga impressão, mas enganava-se. O seu dote? Mas o seu dote, trazia-o sobre o peito, n'um colar de dois milhões. E os mil e um caprichos da sua imaginação, o seu throno de Mulher, a lucilação das perolas que apetecia, a fulva, fascinante e rara theoria das suas pedras preciosas, tudo isso que lhe dava prazer a ella, como poderia elle, que tinha o angustioso receio de perdê-la e a amava loucamente e não queria vê-la insatisfeita, como poderia elle adquiri-lo sem jogar?... Já a enfadava aquella vida sombria e cheia de sobresaltos? Pois bem! Se assim o desejasse, poriam ponto n'essa vida. Mas devagar, para que a paragem não fosse brusca e o mundo não visse ou não tentasse descobrir a mudança que fatalmente soffreria a sua situação.

Todas estas coisas, disse-as o homem com um mixto de cynismo e de amargurada convicção. O americano entrára, no emtanto. E como a pobre hesitasse ainda em convidá-lo para o jogo, o esposo cravou no seu olhar os olhos fixos, frios, d'uma serenidade imperiosa; foi como se a luz d'uma alva boreal atravessasse a noite do seu espirito. Estremeceu e obedeceu. Quando, minutos passados, o diplomata entrou na sala, viu-a curvada sobre as cartas ao lado do marido. E desde que o pacto se rompêra, resolveu jogar tambem...

Não tirou os olhos d'ella, espionou-lhe todos os gestos; e viu que na ultima cartada, na cartada suprema, foi ella quem passou ao marido, surrateiramente, ás occultas, a carta de que este precisava para ganhar ao americano uns bons milhares de francos. O jogo acabou; todos sahiram, ficaram apenas os dois, o diplomata e a sua bem-amada. Não se conteve; chamou-lhe ladra, ladra *tout court*, insultou-a depois com outras phrases e teve, porventura, vontade de bater-lhe. Pois quê?! Erguêra-a n'um altar de adoração, sonhára-a a mais nobre entre as mulheres, abrira-lhe honestamente o seu coração; e pasmava, attonito, vendo que lhe sahira apenas uma ladra, *farol* de casino encaminhando os amigos para a mezinha verde onde o marido acabava de roubá-los. Bonito aceio, sim senhora! Bonito romance, o seu romance, o romance d'ella, do marido e o d'elle. Odiava-a agora... Talvez não a odiasse...; mas desprezava-a, decerto a desprezava, o que era peior. Lembrar-se que a vira ou que a sonhára arrastando o puro arminho da sua graça virtuosa n'um jardim espiritual, onde elle, o desgraçado! espalhára conse-

lhos de belleza e de Moral! Semente em terra sáfara! Porque ella era apenas uma ladra, muito amiga do ladrão do seu marido...

Tudo isto a pobre ouviu n'um convulso fragor de lagrimas e ais; e porque, afinal, estas coisas do amor são sempre assim, não tardou que a posição humilde do seu busto, as dolorosas contracções do peito em ondas, todo batido d'aquella escura tempestade, o commovesse, o enternecesse e lhe quebrasse a colera sanhosa. Depois, ella falou. Amára o esposo, amára-o firmemente; e amando-o afizera-se ao gosto de obedecer-lhe; ao cabo, era o marido; ella, a mulher, que tudo lhe devia não podia furtar-se ao seu imperio, ao doce mando dos seus gestos carinhosos, á fria ordenação do seu olhar magnetico... Mas ah! agora estava prompta para tudo! Resistiria, fugiria para longe do senhor e iria ter com elle, o diplomata, como uma lybia escrava que tivesse ganhado uma servidão mais conforme ao seu desejo. Mais uma vez, o moço acreditou.

Ella cumpriu; quando o marido veio começou por dizer-lhe que era preciso acabarem de vez com semelhante existencia, porque era indigna do nome e tradição familiares, porque ella não podia, não queria, não queria, prolonga-la. E' o principio do maximo conflicto. De começo elle é frio, imperturbavel; depois persuasivo, commovente; agora cynico; logo enternecido, umas vezes brutal, outras piedoso. Os seus avós!? Eram aguias, no bom tempo das conquistas, da rapina e da cavallaria; elle era apenas um rude gavião seguindo-lhes o exemplo no assalto da vida! Roubava? Pois então! A vida assim o queria; a vida d'ella, sobretudo. E depois, fôra ella quem o induzira a roubar; noivos, jogavam juntos e perdiam; ella não sabia e elle ralhava-lhe; um dia, porém, pediu-lhe que não ralhasse deante dos parceiros; fizesse-lhe um signal occultamente, para não ser notado. Começaram assim; ganharam, ganharam, entraram na loucura do mundo, ella quiz estofos caros, boas joias, e elle roubou, roubaram ambos para saciar-lhe a cupidez...

Não se commoveu; e á falta de argumentos, disse-lhe tudo, disse que o outro vira e como vira. Uma duvida brilhou no cerebro do homem. Brilhou e ficou a brilhar, a tortura-lo. Como certificar-se? D'uma forma bem simples; se o diplomata, conhecendo agora a sua condição infame, lhe apertasse a mão, é porque entre a esposa e elle havia um pacto de traição, de mancebia. Assim foi. O outro, quando entrou, estendeu-lhe a dextra. Elle disse-lhe então co'a face descomposta, provocando-o, ancioso por mata-lo: «Se o senhor aperta a minha mão na sua, sabendo quem eu sou, é porque não vale moralmente mais do que eu». E não con-

tente aggrediu-o, enxovalhou-o. Embalde: o outro recusa-se a bater-se. Dispõe-se, afinal, a levar a mulher d'aquelle sitio; mas a um signal imperativo do amante, ella fica, recusa-se a segui-lo. E quando o panno cae, elle apenas esboça um fero juramento de vindicta.

Tendo arrancado a bem-amada do lodoso atoleiro em que vivia, o diplomata quer casar, cheio de boas intenções. Mas é preciso, primeiro, obter consentimento do marido p'ró divorcio. E eis se põe aquella gente a procurar o homem, pedindo informações, seguindo pistas, por Jafa, Malta, Nazareth e Egypto, mundo infinito, e elle sem nunca apparecer. Apparece afinal passados mezes; entra em scena, funereo, olhos, maguados, mal vestido, tiritante e quasi tropego; dizem-lhe o que esperam d'elle e fazem-lhe propostas de dinheiro, muito dinheiro. Recusa, com desdem. Consentirá no divorcio, desde que a esposa lh'o implore. Pois vem ella supplicá-lo; e elle, realmente, diz que sim, não se oppõe... E fala-lhe, forçando-se, fingindo uma serenidade impossivel; murmura umas vagas lembranças do passado, mas apagados queixumes do futuro. E' então que a mulher nota a compostura misera do fidalgo; vê-o tremer. Será frio? será febre? Parece ter soffrido intensamente. E pobre, miseravel... Mas o dinheiro do jogo, já não jogava? Sim, tinha jogado; mas agora, sem ella, sem um ideal que lhe apoiasse a firmeza do *golpe*, sem já a possuir para cobri-la de diamantes,—não sabia roubar, não queria roubar; jogou como toda a gente, como os honestos, e perdeu tudo, estava sem vintem. Os olhos d'ella enchiam-se de lagrimas vendo tão humilde e desdenhado o homem que deixára rico e forte. Elle continuou falando, a soluçar, do amor que lhe tivéra. Exaltou-se, transfigurou-se; ao cabo, fatigou-se, sentiu uma tontura, e alli mesmo, espetando a agulha na epiderme, junto ao pulso, injectou lá p'ra dentro a dose de morphina habitual.

Está o leitor vendo o epilogo da peça; a mulher, em quem o proprio amante acordára virtudes e conceitos de moral, decide finalmente acompanhar o marido na doença e na desgraça. E' um remate que não desagrada ás pessoas bem formadas e que faz perdoar ao escriptor da peça as forcas caudinas por onde fez passar, durante o drama, a candura de quantos o ouviram.

Mas a que proposito, pensará o leitor, ou por que motivo gasto eu em desfiar o trama d'uma peça, embora interessante, o espaço que esta revista me offereceu para falar principalmente de politica. Por um motivo bem simples, afinal; por que eu desejava a todo o custo obter en-

sejo de afirmar, mais uma vez, o pasmo extranho que desperta na minha alma esse velho Brazão que hontem me deu, no papel do fidalgo-aventureiro, uma firme e commovente impressão d'arte. De resto, o que me espanta não é já porventura a mestria inegualavel dos seus gestos, da sua locução vibrante e sobria, da sua intelligente e ampla comprehensão do personagem; o que mais profundamente me commove são aquelles três quartos de seculo sempre moços, senão na força physica que os annos consumiram, pelo menos na firmeza de visão com que revive, elle o romantico declamador do *Kean*, os typos doentios do tempo actual.

João do Amaral.

Desfazendo um equivoco

Quem amanhã fizer um estudo sobre a mentalidade politica dos homens do regimen, certo mais se admirará da crassa ignorancia dos chamados moderados que da raiva destruidora dos radicaes. Ha n'estes um fundo de coherencia nos processos politicos e nas ideias rudimentares, facilmente explicada pela estreita e miseravel comprehensão que teem do que é ou deve ser a liberdade de um povo.

Os primeiros porém, que nos dias da propaganda perfilhavam todos os preconceitos dos fanaticos, e se deixavam ir na mesma onda de delirio e de cegueira, quizeram, apoz a proclamação da republica, renegar o passado que lhes dera fama, e apresentar-se a nossos olhos como os melhores. Não o conseguiram. O rebôco da mascara depressa apodreceu. O instincto fatal do demagogo rompe todos os seus fingimentos de moderação e tolerancia, desmente por completo a mentira das suas declarações de paz, atraiçoando-os.

Sob o ponto de vista politico este facto já não carece de melhor demonstração do que as affirmações do chefe evolucionista no Congresso do Polytheama, e do que a versatilidade, inconstancia e falta de escrupulos que forma e resume toda a tactica politica do unionismo.

Não é porém, ao aspecto politico que me quero referir. O meu objectivo é pôr a claro a total ausencia de criterio e propositada hypocrisia d'aquellas duas individualidades politicas perante o problema e a questão religiosa que devia ser a verdadeira linha de divisão entre radicaes e conservadores n'um regimen que não fosse este.

Planeada e forjada a republica nos conventos da Maçonaria, tendo-se os seus partidarios valido de um supposto dominio clerical sobre o povo como melhor arma demolidora, fazendo do ataque systhematico ás crenças religiosas um principio, uma regra fundamental do seu

ataque systhematico á realeza, não causa hoje espanto algum que os primeiros actos legislativos do governo revolucionario ou provisorio tenham sido a logica conclusão d'aquellas attitudes e processos. O ultimo livro do renegado Graínha sobre a acção da maçonaria em Portugal bem o comprova. O unico acto de habilidade que os republicanos revelaram, foi o de resuscitar do passado (em que a maçonaria largo tempo influiu) uma serie de decretos liberticidas que lhes auxiliava perfeitamente a tarefa de anti-clericaes façanhudos.

Foram sem duvida os desacatos, as profanações nos templos, o roubo descarado das corporações de culto e ensino catholicos, a montaria bestial ao *jasuita* e ao *reaccionario*, incendio que devorou os grandes burgos e logo começou de alastrar pelas aldeias, — foram essas violentas extorsões e tyrannias que crearam no paiz a forte reacção contra a republica. E quem fosse perguntar aos homens do norte que em massa retiravam p'rá Galliza a engrossar os bandos libertadores que viriam das novas Coblentz, quem lhes fosse perguntar qual a ideia que os atirava para o exilio, ouviria bem nitida a affirmação de que era a da reconquista da liberdade de crêr e o desaggravo da fé cuspida que Couceiro traria dentro em breve, na marcha triumphal das incursões...

Hoje a questão religiosa continua de pé e palpitante. Mas o cansaço que uma abstenção esteril de quatro annos provocou, e que não é mais do que o cansaço sobrevindo a todas as desillusões, collocou a questão n'outro terreno.

A indole d'esta revista e a desnecessidade de uma discussão accidental para o fim que me proponho, impedem-me que aqui explique a rasão da nova e verdadeira attitude bellicosa que por amor da sua liberdade, sob a orientação e benção dos seus Bispos, os catholicos lusos vão tomar, n'um corpo de organisação ainda não realisado em Portugal depois que ha muitos annos a tentativa do Nuncio Jacobini fracassou...

Acceitemos apenas o facto em si e prosigamos. Os catholicos querem collocar-se n'um terreno neutral perante a refrega entre realistas e republicanos, buscando sómente a conquista das liberdades enunciadas no seu programma minimo. Merecerão o seu apoio, dizem elles, aquelles que se comprometterem a defendel'as e a ajudar a sua reconquista.

E cifra-se o referido programma no seguinte:

1.º — Reatamento das relações de Portugal com a Santa Sé;
2.º — Liberdades essenciaes da Egreja: de culto, ensino e associação.

E agora vejamos a posição que tomaram os dois partidos *soi-disant* moderados da republica perante a questão ou problema religioso collocado n'aquelles termos tão claros e de facil acceitação.

Um partido que quizesse viver, dando á massa do paiz uma ainda que leve illusão de que a Republica não lhe esmaga as crenças, ou teria acceitado integralmente as pretensões catholicas, inscrevendo-as no programma, ou procuraria adaptar-se a ellas, estendendo a mão com lealdade. Não direi que fosse acreditado o novo gesto de arrependimento, mas talvez não fosse desprezado pelos crentes que precisam de realisações immediatas para maior vitalidade da sua acção. Pois bem. Depois do Centro Catholico expor o que queria, realisaram os evolucionistas o Congresso partidario. Julgam acaso os leitores que elles se pronunciaram sobre as reclamações dos crentes? Puro engano.

O chefe evolucionista disse um dia:

"*A Lei de Separação é uma pertença nacional. Ella representa uma das mais bellas reinvindicações do antigo partido republicano.* Admittir uma Republica n'estas alturas da civilisação sem a separação do Estado das egrejas seria uma visivel ingenuidade ou uma malevola estupidez".

Estas affirmações convem fixa-las para que melhor se comprehenda qual o verdadeiro modo de pensar do snr. Almeida — pouco mais ou menos identificado ao do chefe democratico.

No Congresso do Polytheama, o chefe evolucionista proferiu sobre a questão religiosa as seguintes palavras:

"Condensa a plataforma eleitoral n'estes dois pontos concretos:

"1.º Revisão da Constituição, com o principio da dissolução.

2.º Proclamar a necessidade da reforma da lei de separação para *equilibrio da consciencia.*

O paiz não sahirá da demagogia alucinada, truculenta, *para um obscurantismo retrogado e primitivo.* Mas quer a liberdade da consciencia, *o direito á analyse philosophica. Não consentirá de modo nenhum no regresso ás instituições religiosas,* mas entende que a Republica não pode algemar os pulsos á religião catholica. Assim como o livre pensamento deve ter as suas garantias, assim a pratica da fé tem que ser uma das regalias do regimen".

Como o leitor vê não ha aqui a menor referencia clara nem ao reatamento das Relações entre Portugal e a Santa Sé, nem ás liberdades de culto, de ensino e associação para os catholicos. O snr. Antonio José d'Almeida, ou por ignorancia ou por má fé julgou conveniente não abordar as questões, e veio então falar-nos de um *equilibrio de consciencia* que só um desequilibrado pode perceber o que seja, gastar prosa sobre o estafado *leit-motif* do *obscurantismo* (palavra que de per si representa um insulto aos crentes verdadeiros) e declarar que *quer* o *direito á analyse philosophica,* como quem diz que até hoje o não havia.

E tudo isto já é bastante para se definir o estado mental de um

chefe republicano.. conservador. Mas ha mais: o seu espirito *liberal* apparece-nos sem rebuço n'esta phrase que tem tanto de agressiva como de tola: *não consentirá de modo nenhum o regresso ás instituições religiosas*. Que quereria dizer com isto o snr. Almeida?!...

Eu não tiro outras conclusões de tudo isto, além da que o chefe evolucionista, já preso pela sua assignatura ao decreto de 20 d'abril, não comprehende ou não quiz comprehender as reclamações dos catholicos e fez affirmações, como esta ultima, que contrariam em absoluto as liberdades que elles exigem com pleno direito.

A attitude do snr. Camacho não differe d'esta em grande coisa. Simplesmente, cheio de rabulice como é, o chefe unionista preferiu calar-se a... falar demais.

Sobre a revisão da lei separatista, escreveu o snr. Camacho o seguinte:

> "Pelo que diz respeito á *União Republicana*, ella acceitará todas as modificações que se contiverem dentro d'esta formula — *A liberdade da Egreja exercendo-se dentro da esphera de respeito que todas as associações devem á soberania da sociedade civil*. E', pouco mais ou menos, a formula de Luzatti, se não estamos em erro, e em nosso entender ella é perfeita, salvo o abuso que se queira fazer da sua elasticidade juridica".

Examine agora o leitor a formula de Luzatti. E' apenas uma affirmação theorica, vaga, muito diluida, dentro da qual tanto cabe a maior liberdade como toda a tyrannia que sob o nome de *fiscalisação do Estado* se acoberta. Em *elasticidade juridica* é completa. Tanto basta para que sobre ella os catholicos mantenham a maior desconfiança.

Eis a resposta official dos dois partidos republicanos *soi-disant* moderados ás reclamações concretas dos catholicos. Evitam-as. Fogem a discutil-as. Querem que o equivoco se não desfaça antes da lucta eleitoral para verem se ainda captam algum ingenuo. Mas a verdade ahi fica.

Jesus Christo disse um dia e a Sua Egreja repete seculos em fóra: *quem não é por nós é contra nós*.

Pelos catholicos não são os partidos chamados moderados da republica. E todas as affirmações como todos os seus actos são contra elles.

O silencio commodo ou o palavreado ôco não isentam de culpas nem muito menos attrahem sympathias dos homens de convicções firmes para quem a lealdade é timbre de honra!

FRANCISCO VELLOSO.

A IDEIA NACIONAL

Officinas de composição
e impressão a vapor

Rua d'Arnellas — AVEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Conceição Rocha, administrador de A IDEIA NACIONAL.

Propriedade de ANTONIO DA CONCEIÇÃO ROCHA

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum das casas *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, e *J. G. Schelter & Giesecke*, de Leipzig, todo o typo de phantasia das mesmas casas e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkhardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a cores, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Trabalhos commerciaes

Bilhetes de visita desde 400 reis o cento